

Henriqueta Lisboa e a “coação do eterno dentro do efêmero”

*Kelen Benfenatti Paiva*¹

Resumo: A poesia de Henriqueta Lisboa se destaca pela reconhecida qualidade estética. Seus versos retratam sua ligação com Minas Gerais, sua inquietação diante da morte, a busca pela essência do ser, a transcendência e o aprimoramento da palavra por meio da poesia. Em seu labor literário, vários são os momentos em que o corpo inscrito nesses versos se encontra diante do conflito entre a eternidade e a efemeridade do ser. A poesia, nesse dilema diário, é, para a autora, a “coação do eterno dentro do efêmero”, sendo, portanto, concebida como essência transcendente e atemporal. Nesse sentido, o poeta não controla essa poesia que é anterior à construção do verso, mas se sente coagido a transpor para a página em branco parte dessa essência poética. Diante dessa coação, o corpo inscrito em seus poemas é construído a partir do referencial da cultura cristã. A religiosidade resultante desse referencial pode ser definida como um “biografema” (BARTHES, 1977; 1979) que transita entre a vida e a obra de Henriqueta, possibilitando, na presente comunicação, propormos a leitura de seus versos, buscando esboçar esse corpo cristão inscrito em seus versos.

Palavras-chave: Henriqueta Lisboa, corpo escrito, cultura cristã.

INTRODUÇÃO

Nosso corpo oscila a influxos de sombra e de claridade

Henriqueta Lisboa

Entro no arquivo de Henriqueta Lisboa, composto pelo espólio doado por sua família à Universidade Federal de Minas Gerais, disposto museograficamente no Acervo de Escritores Mineiros e me deparo com um labirinto convidativo de leitura e pesquisa. A escritora, mineira de Lambari, dedicou boa parte de seu tempo a arquivar a própria vida e a produção literária. Guardou com cuidado cartas, fotografias, recortes de jornais, manuscritos, livros e objetos pessoais e de arte que foram parte de sua vida e de sua história intelectual.

Autora de vários livros de poesia, além de ensaios e traduções, Henriqueta Lisboa tem seu nome grafado na historiografia literária principalmente pelo valor estético de sua poesia. Contudo, é necessário dizer que, em alguns momentos, experimentou a incompreensão da crítica e seu silenciamento.

Talvez possamos mencionar alguns elementos que contribuíram para o fato. Não são poucos os momentos em que a crítica não se voltava aos versos da denominada “poesia religiosa” com simpatia. O fato de não se engajar na dita “poesia social” também foi um

¹ Professora doutora do IF Sudeste MG, Campus São João del-Rei, pesquisadora na área de Literatura. E-mail: benfenatti@bol.com.br

dificultador para que se tornasse objeto de admiração da crítica literária brasileira. Talvez certa incompreensão dos críticos se devesse ainda a sua concepção de poesia:

Seja como for, libertada das formas elementares da paixão (que não são formas criadoras), do juízo afeito a discernir o real do irreal (impróprio à beatitude poética), da cópia servil das coisas, da lógica prosaica, da eloquência oratória, do anedótico, do didático, purificada, em suma, organicamente, a poesia atinge seu mais elevado estágio, um mundo de perspectivas extraordinárias, onde impera a intuição. (LISBOA, 1955, p. 81)

Essa poesia em “seu mais elevado estágio”, essa poesia intuitiva, se aproxima da concepção de “poesia pura” ligada à essência do ser, à transfiguração lírica do pessoal no humano, do individual traduzido em universal pela arte, num “equilíbrio procurado”, uma “serenidade desejada”, na solidão do “anacoreta” em contraposição a uma poesia de “mãos dadas”.

Sobre o assunto, são de considerável importância as cartas trocadas entre a escritora e Mário de Andrade. O escritor paulista foi um grande e importante interlocutor para Henriqueta e estava atento ao seu processo de criação literária. Propôs-se, desde o início da correspondência, a ser “advogado do diabo” e falar com sinceridade o que gostava ou não nos seus versos. Nesse papel, de leitor privilegiado, que tinha acesso aos versos antes da publicação, Mário fazia críticas, interferia na feitura dos versos, trocava palavras, implicava com as explicações da “professora católica” que se sobrepunha à poeta em diversos momentos. Era leitor atento e se propunha a uma leitura ativa dos versos de Henriqueta. Nessa leitura, reconhecia a dificuldade da crítica em compreender a poética da mineira, a insensibilidade de muitos críticos brasileiros quando o assunto era poesia. Nos comentários de Mário aos poemas de Henriqueta encontram-se observações estéticas: sobre o cuidado com a escolha da palavra, seu valor semântico, a construção do ritmo, a criação de imagens líricas e as confissões psicológicas. Mário reconhece na poesia da autora um alto nível técnico, enriquecido pela sensibilidade poética, que resultaria em uma poesia bem realizada esteticamente. O que, para ele, justificaria certo silêncio da crítica, pelo menos dos críticos que acompanhava: o fato de ela estar fora das linhas gerais de interesse da crítica nacional, exatamente, por não produzir uma poesia ligada ao social.

Certo inquietamento de Henriqueta diante de seus contemporâneos pode ser entrevisto nos versos que escreveu, como no poema “Mensagem”:

[...] Recebei, Irmãos, a minha mensagem,
e ainda que não puderdes jamais distinguir o meu vulto apagado nos
longes,
chegue até vós o calor das minhas palavras e dos meus suspiros quan-
do a aragem do crepúsculo soprar da grande, misteriosa floresta.
Dir-se-ia que nunca nos encontraremos face a face:
oh a emoção de comunicar-me convosco do exílio,

de imaginar que a minha cabeça pudera repousar algum dia no vosso peito,
que meu nome perpassa às vezes à flor dos vossos lábios em prece!
Irmãos, meus Irmãos, guardai a minha lembrança como a de um beijo apenas pressentido:
nada mais sei dizer-vos
senão que a todos vos amo
com esse infinito amor com que o Pai nos amou.
(LISBOA, 1958, p. 63)

Segundo a própria Henriqueta “nenhum poeta sobrevive se se distancia do tempo em que vive. O que se alienar trairá seu coração e sua consciência. Mesmo sem alusão direta a circunstâncias, o poeta se acusa como ser comunitário.” (Lisboa, 1969, p. 18). Essa consciência da implicação do meio na própria constituição do sujeito da escrita talvez tenha contribuído para que Henriqueta se mantivesse fiel ao seu projeto literário, em um contínuo desejo de dizer o indizível, por meio do poema. Em resposta à carta de Mário de Andrade, a autora escreve:

Você diz que não pertencço às linhas gerais da poesia nossa, nem dos seus problemas e intenções. Pois é isso. Os meus problemas são até muito humanos, são meus como de todos aqueles que apela para as forças morais em face da esfinge, quando não logram decifrá-la. Sinto-me criatura de Deus antes de tudo, muito antes de ser brasileira. E com isso não sei se haverá metal brasileiro na minha poesia. Estarei no meio da raça como estrangeira? (SOUZA, 2010, p. 279)

“Sinto-me criatura de Deus antes de tudo”, afirma Henriqueta. Essa declaração é significativa para pensarmos na inscrição do que podemos denominar “corpo cristão” em sua poética. Cristã confessa, a autora deixa inscrita sua fé em seu arquivo e também em sua obra.

1 NOS RASTROS DOS “BIOGRAFEMAS”

Nas trilhas abertas no arquivo da escritora é possível vislumbrar a leitora do texto bíblico que foi Henriqueta. Se pensarmos no conceito de “biografema”, proposto por Barthes (1977; 1979), segundo o qual os pormenores da vida do escritor habitam sua escrita, sua fé, sua crença religiosa pode ser pensada como um “biografema” em sua produção poética. Leitora confessa da Bíblia, de Santo Agostinho, de Dante, de Rilke, dos místicos espanhóis, dos românticos ingleses, dos simbolistas franceses e brasileiros e também dos nossos modernistas, Henriqueta registra suas preferências enquanto leitora em entrevistas que concedeu, em suas anotações e também nas entrelinhas de seus versos o esboço de suas leituras.

Várias são as referências bíblicas presentes em sua obra e também em suas anotações guardadas em seu arquivo, como se observa em suas anotações sobre a Torre de Babel:

A torre de Babel – uma torre de tijolos e betume. Figgurat, a pirâmide de sucessivos andares existente em Babilônia. Em Ur, construção retangular com terraços dispostos em lances. Heródoto “uma torre maciça sobre a qual se eleva outra, sobre esta 2ª uma outra etc. Significação religiosa – Montanha sagrada, lugares altos (culto). [...] Santo Agostinho: “O espírito do orgulho fez a divisão das línguas.

Se na nota temos diferentes definições da Torre de Babel – representação simbólica, por excelência, da multiplicidade de línguas – sua atitude de pesquisar o assunto e promover o “arquivamento”, por meio das anotações, são indícios de que, para a autora, a metáfora carrega em si uma potência. Anotações para um poema? Informações para preparar suas aulas? Definições a partir das quais elaboraria uma reflexão teórica? Hipóteses possíveis que, embora não se comprovem, revelam seu interesse pelo tema, o que parece sugestivo se pensarmos em sua atuação como tradutora.

O que se pode observar quando tomamos a religiosidade como “biografema” também em seu arquivo é que seu olhar para além da matéria, sua fé e os preceitos religiosos alicerçados na cultura cristã podem ser materializados nos versos e ensaios que escreveu e nos documentos que acumulou. Nesse sentido, coleciona o tema em objetos, formando uma “coleção religiosa”, composta por um crucifixo, as telas de Bax em que a temática era constante, os quase trinta santinhos comemorativos de primeiras comunhões de familiares, lembranças de bodas de ouro e eventos religiosos, além de um caderno de religião, objetos que se insinuam como gestos autobiográficos à medida que revelam a religiosidade de sua dona. Afinal, guarda-se o que se atribui valor afetivo, cultural, material ou de qualquer outra espécie.

Em folhas amareladas pelo tempo, ela escreve em uma agenda de 1943:

Amanheci hoje com uma inspiração doida, prodigiosa e doida. Vontade de fazer o meu poema total, o meu grande poema com uma visão integral do universo. A 1ª parte – em 7 poesias – e eu já havia pensado nisto há mais tempo – seria a criação do mundo, a gênese, de 7 dias. Viria depois o poema da perdição, com os 7 pecados capitais(...). Os 7 poemas iniciais seriam música diferente. Preciso estudar. Os 7 poemas da perdição – estão me fascinando – corresponderão às 7 pedras preciosas. Soberba – granada. Avareza – rubi. Luxúria – ônix. Ira – esmeralda. Gula – safira. Inveja – topázio. Preguiça – pérola - (o gozo branco). As virtudes teológicas corresponderiam ao sol, à lua e às estrelas. As cardeais aos quatro elementos: Prudência – terra/ Justiça – ar/ Temperança – água/ Fortaleza – fogo (...).

A vontade de fazer o “poema total”, o desejo de dizer o indizível, de transformar a essência da poesia em versos parece ter sido uma constante na obra da autora. E em seu processo de criação poética sua religiosidade tem papel importante.

Coleciona a temática também nos textos que produziu. Entre eles, lembro a conferência “Da poesia religiosa”, além da referência direta em vários poemas carregados de imagens bíblicas como a do anjo ou nas evocações ao tema nos poemas oração disseminados em sua obra. Blanca Lobo Filho, em *A poesia de Henriqueta Lisboa* (1966), aponta a religiosidade como segunda temática de destaque na obra da autora, sendo antecedido apenas pelo tema do amor. São exemplares dessa presença religiosa os poemas “Idílio”, “Oração no deserto”, “Oração”, “Oração do momento feliz”, : “A humilde oração”, “Ausência do anjo”, “O anjo da paz”, “Trigo e joio”, “As virgens”, “O alvo humano”, “A luta com o anjo”, “Oração suprema”, entre tantos outros em que suas concepções religiosas e seu diálogo com o discurso bíblico podem ser percebidos de forma direta ou indireta. Assim escreve a poeta:

Creio em Ti porque minha alma exige a tua existência. Deus. Porque os meus sentidos adivinham a tua presença na música, no perfume, na claridade, na água e no fogo. Creio em Ti porque tenho necessidade da tua perfeição e dos teus infinitos. Porque ouço o teu passo marchando no fundo das noites e dos mares, vejo o sinal de teus dedos na filigrana dos lírios e das espumas, sinto a tua respiração tranquila na aragem das madrugadas de Junho. (LISBOA, 1936, p. 125)

Para Henriqueta, o Cristianismo marcou a poesia mundial, causando mudanças significativas de temas e oferecendo uma fonte inesgotável de inspiração para os poetas. Nesse sentido, vale lembrar uma figura que serve de metonímia dessa apropriação religiosa: a imagem de Nossa Senhora. Visitada por inúmeros poetas, essa imagem aparece também no arquivo de Henriqueta por meio da arte – poética ou plástica – em esculturas em pedra, em barro ou no altar em que a imagem da santa aparece em fio de metal retorcido. Nos versos de Henriqueta, foi mote poético desde *Fogo Fátuo*, seu livro de estreia, no poema “A Nossa Senhora”:

Lira, quantas canções de glória tu desferes!

Rosa, quanta beleza engastas à coroa!

Ave, plena de graça entre as demais mulheres!

Ave, “Porta do céu’ por onde a luz se escoa.

‘Áurea mansão’ que guarda os anjos esmoleres da palavra que salva e do olhar que perdoa.

Unindo ao firmamento a terra, astros feres

Ó ‘Torre de marfim’ que nunca se esboroa!

‘Caçoula espiritual’, virgem dos suaves ritos.

Lírio mais branco do que os lírios dos altares.

‘Estrela da manhã’, ‘Consolo dos aflitos’!

És o caminho da verdade por que trilha minha alma,
florescendo em risos e pesares arrastando a teus pés o
meu amor de filha! (LISBOA, 1925, p. 54-55)

A imagem de Nossa senhora será revisitada trinta anos depois no poema “Maria” de Velário:

Sob a estrela de maio
Como é doce, Maria,
Retornar a teus áditos.

Como surpreende ver-te,
Entre instáveis e efêmeras
Sombras, a pura imagem.

Esta imagem que a infância – fonte de nostalgia –
Traz de auroras desertas.
Na mesma nuvem, pairas.
Orna-te a mesma flor.
Tens o mesmo ar de lua.

Para os olhos com lágrimas
São teus antigos véus,
Não miragem mas flâmula.

Nenhuma, nenhuma pátria
Foi mais fiel ao viandante. (LISBOA, 1985, p. 270-271)

Coleciona o tema, ainda, nas cartas que escreveu a seus interlocutores como Drummond e Mário e Drummond. Para o primeiro, era com a leveza de seu “ser de passarinho”, com sua fé assumida, sua poesia, sua serenidade e o poder de dizer as palavras certas, “asa” que o levava para Deus nos vários momentos em que experimentava a incompreensão humana, quando outros amigos praticavam com ele uma “funda ingratidão”, ou quando precisava “desnudar os seus tumultos”, “clamar, contar que estava sofrendo. Para Drummond, envia votos de condolências pelo falecimento de sua mãe por meio do poema “Na morte” que, mais tarde, incluiria no livro *Flor da morte* (1949):

Na morte nos encontraremos
Sim, na morte.
Tempo de consórcio e de vínculo.

Depois de caminhos extremos.
Quer pelo sul ou pelo norte.

Ao término de circunstâncias:
Passos certos ou perdidos.

Sem palavras nem sentimentos.
 Com simplicidade suprema.

Na morte nos encontraremos.
 Remoinhos de água em torno às ilhas
 Suspensos na mesma quietude.

Fria resistência de rocha
 Absorvida pelas espumas.

Na morte nos encontraremos.
 Na morte.
 Terra de conquista do sangue.

Braços um dia decepados
 Voltando ao torso a que pertencem.

Fios cortados ao nascer
 No reajustamento dos nós.

Na morte nos encontraremos.
 Na morte, sim.
 Toque de recolher em círculo. (DUARTE, 2003, p. 42-43)

A concepção cristã que vê na morte não o fim, mas a possibilidade de retorno à origem – “Braços um dia decepados / Voltando ao torso a que pertencem” – de começo de uma nova existência, da certeza do reencontro é a mensagem direcionada ao poeta que, de forma sutil, opõe-se à religiosidade de Henriqueta. O poema é chave de leitura para pensarmos no corpo inscrito em sua poesia. Como “braço decepado”, o homem é recebido de volta ao “corpo-dorso” divino. Essa ideia condiz com o que se encontra discriminado na poética de Henriqueta, um corpo que se encontra entre a sombra e a claridade, entre o efêmero e o eterno.

Nessa busca constante pela essência, pode-se dizer que o eu lírico na obra de Henriqueta está sempre em busca de algo que não encontra na materialidade da vida terrena. A metáfora da sombra e da claridade, tomada como epígrafe deste texto, é produtiva se pensarmos que diz muito desse inquietamento humano diante da efemeridade da vida.

Na sombra se encontra o corpo humano dessa escrita em busca do reencontro com a claridade, que seria da ordem do divino, do eterno. Nesse sentido, vale lembrar uma das temáticas que consagrou o nome de Henriqueta na literatura brasileira: a morte. É exatamente no ponto mais fraco do humano, naquilo que é temido e inexplicável que se apresenta o maior dilema.

Essa concepção cristã da morte aparece em outros momentos da obra de Henriqueta. O modo sereno de tratar o tema dá ênfase à morte como algo natural e belo: “Nada mais

lindo que uma pálida / criança adormecida entre flores” escreve no poema “É uma criança”. (LISBOA, 1985, p. 173). A beleza da morte se mostra ainda em poemas como “Os lírios” em que o encontro com a morte figura como um adormecer tranquilo:

Certa madrugada fria
Irei de cabelos soltos
Ver como nascem os lírios.

Quero saber como crescem
Simples e belos – perfeitos! –
Ao abandono dos campos.

Antes que o sol apareça
Neblina rompe neblina
Com vestes brancas, irei.

Irei no maior sigilo
Para que ninguém perceba
Contendo a respiração.

Sobre a terra muito fria
Dobrando meus frios joelhos farei perguntas a terra.

Depois de ouvir-lhe o segredo
deitada por entre lírios
adormecerei tranquila. (LISBOA, 1985, p.105)

Pode-se afirmar que a predominância em sua poética da concepção cristã da morte não impede a ocorrência de momentos em que esta será temida e odiada. Dos poemas desponta, então, o embate entre desejo e medo. Ora desejada – “Vem, doce morte. Quando queiras” –, ora temida, a morte apresenta-se envolta em mistérios, por meio de imagens que traduzem o campo de forças opostas que se atraem e se repelem. Sobre isso é representativo o poema “Dama de rosto velado” publicado em *A face lívida*:

Dama de rosto velado
Sempre de esguelha a meu lado.

Ainda a verei pela frente.
Talvez na próxima esquina,
talvez no fundo dos tempos.

Dama de sopro gelado
sustenta-se dos meus gastos.
Seiva de que vivo é o campo
de que recolhe as espigas.

Dama de luto fechado
Caminha pelos meus passos.

Um dia nos deteremos:
eu estarei estendida,
ela será fraticida.

Dama de rosto velado
Sempre de esguelha a meu lado. (LISBOA, 1985, p. 131)

O temor pela chegada da morte, a incerteza do momento do encontro e a certeza de que este será inevitável perpassam ainda outros versos como os de “Acalanto do morto” em que a ela se mostra como “uma sombra informe/crescendo nos vales”, “com cem braços móveis/com cem braços fixos”, “com propostas e enigmas de fera na jaula” (LISBOA, 1985, p. 166) ou em “Silêncio da morte”, em que figura como uma “Fera de olhos oblíquos espreitando a ampulheta.” Simplicidade e mistério coexistem nos versos da poeta quando o assunto é esse. Sua espera é marcada pelo mistério e sua chegada, pelo desvendar dos segredos.

Nesse embate reside o paradoxal sentimento de desejo e de temor, uma complexa relação com a morte, tão bem sintetizada em seus versos: Na morte, não. Na vida. Está na vida o mistério. Em cada afirmação ou abstinência. Na malícia das plausíveis revelações, no suborno das silenciosas palavras. (LISBOA, 1985, p. 164)

Assim, entre o dizer e o não-dizer, entre a palavra e o silêncio, aí reside o mistério, na vida marcada pela transitoriedade, contingências, inquietudes, amarras, ansiedades e máscaras que cerceiam a liberdade do ser, que limitam a existência humana. Nesse sentido é que vida e poesia se fundem para comungar do mistério nas “silenciosas palavras”, na boca calada do morto, na face lívida coberta por um ténue véu, no “toque de recolher em círculo”, na “lágrima dentro de sua concha”, no “passarinho quieto, quieto”. Mistério que está no ato da espera do encontro marcado, no profundo silêncio que, para Henriqueta Lisboa é: “Notas musicais em repouso / Branco a esconder/as sete cores.” (LISBOA, 1985, p. 450)

E é nesse sentido que o humano e o divino se encontram. Talvez se deva a isso o fato de Henriqueta transpor as inquietações diante da morte para o poema. Afinal, para ela, a poesia é “coação do eterno dentro do efêmero”. Assim, a poesia seria, além da morte, outra possibilidade de encontro:

Sinto-a como aura que se irradia do ser, que preside às melhores atitudes, e que se concretiza no poema, na criação plástica, na composição musical. Considero-a, desta forma, elemento fundamental e substancial da existência humana.

Poesia: minha profissão de fé. (LISBOA, 1979, p. 12)

Assim, por meio da poesia, o corpo inscrito em seus versos é capaz de transitar das sombras para a claridade, é capaz de entrar na presença de Deus, de efetivar o momento do encontro, de possibilitar os instantes do tão aguardado retorno às origens, o contato com o que é da ordem do eterno. Nesse sentido, a poesia se configura como possibilidade de estabelecer a harmonia entre o espírito e a matéria. E talvez decorra daí a possibilidade de vislumbrarmos em sua poesia esse corpo inscrito, que como Cristo, carrega em si parte da eternidade.

REFERÊNCIAS

- BARTHES, Roland. Roland Barthes por Roland Barthes. Tradução de Leyla Perrone Moisés. São Paulo: Cultrix, 1977.
- _____. Sade, Fourier, Loiola. Tradução de Maria de Sant Cruz. São Paulo: Edições 70, 1979.
- DUARTE, Constância Lima. Remate de Males. Correspondência de Carlos Drummond de Andrade e Henriqueta Lisboa. Campinas: Departamento de Teoria Literária IEL/UNICAMP, n. 23, 2003.
- LISBOA, Henriqueta. *Fogo fátuo*. Rio de Janeiro: s.n, 1925.
- _____. *Velário*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1936.
- _____. *Convívio poético*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas Gerais, 1955.
- _____. *Lírica*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1958.
- _____. *Vigília poética*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas Gerais, 1968.
- _____. *Vivência poética*. Belo Horizonte: São Vicente, 1979.
- _____. *Obras Completas*. São Paulo: Duas Cidades, 1985. (Poesia geral 1929-1983, v. I)
- SOUZA, Eneida Maria de. Correspondência Mário de Andrade & Henriqueta Lisboa. São Paulo: Peirópolis/Edusp, 2010.